

DESCONTRUÇÃO DA PERSONAGEM JOÃO GRILO DE ARIANO SUASSUNA

SANTANA, Thamires Oliveira de
VICENTE, Jones Ferreira

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar, a partir dos conceitos teóricos da Semiótica, a peça “O Auto da Compadecida” de Ariano Suassuna escrita em 1955. Ao que se refere ao cômico em um espaço trágico, ela traz acontecimentos que conciliam o sofrimento do sertanejo com o bom humor através de provérbios populares e costumes, sem esquecer a forte característica dos personagens: A fé. Como um grande refúgio para população que luta pela sobrevivência existe a religião que permeia os acontecimentos, Deus e a Padroeira estrelam como provedores da justiça, esperança, refúgio e misericórdia. A igreja como meio de comunicação com o céu, é onde João grilo, personagem principal visita a imagem de Maria, mãe de Deus e com muito respeito e carinho em uma das cenas, beija seu manto azul. A compadecida, no entanto, é a única que não é atingida pelas atitudes maliciosas dos personagens. Dessa forma, Suassuna retrata os nordestinos fiéis e ressalta a rica cultura de seu povo.

PALAVRAS-CHAVE: CRÍTICA; RELIGIÃO; SERTÃO; CÔMICO.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo estudar os signos que compõe um dos personagens mais famosos da literatura brasileira, protagonista da obra “Auto da Compadecida” de Ariano Suassuna que acabou virando filme no ano 2000. Trata-se da personagem João Grilo. Daí nasceu o desejo de se explorar neste estudo como João Grilo foi construído sendo um homem aparentemente manipulador e que sabe se aproveitar das situações em benefício próprio, mas que na essência revela-se ao leitor com outro caráter a ser exposto no decorrer da análise a ser desenvolvida. Devido à sua linguagem popular regional e a utilização do humor, é quebrado o assunto de teor mais sério que é a realidade social. O autor apresenta de forma caricata o juízo final, onde atuam figuras reflexivas como o Emanuel, Diabo e Maria. Ariano traz os personagens até a igreja na maioria das vezes representando alguns tópicos fiéis em suas diferentes formas de devoção.

Para entender os significados que são figurados, ou figurativos dos principais personagens no contexto literário proposto no “Auto da Compadecida”, usaremos a semiótica greimasiana, pois para Greimas, é considerado figurativo tudo o que pode ser referido a um dos cinco sentidos tradicionais, ou seja, tudo o que se liga à percepção do mundo exterior.

Semiótica, de raiz grega *semeion*, que quer dizer signo é a ciência dos signos. Segundo Santaella, o século XX viu nascerem duas grandes ciências: a Linguística, ciência da linguagem verbal, e a Semiótica, a ciência de todas as linguagens, ou seja, sistemas sociais e históricos de representação do mundo.

2. ARIANO SUASSUNA

Nascido em João Pessoa, na Paraíba nos anos de 1927, ele conquistou diversos prêmios e cadeiras honrosas como, por exemplo, na Academia Brasileira de Letras, Academia Pernambucana e Paraibana de Letras. Foi poeta, dramaturgo, romancista, advogado professor e palestrante. Produziu grandes obras como: “O Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta” (1973), “O castigo da soberba” (1953), “O Rico Avarento” (1954), “Auto da Compadecida” (1955), “A Caseira e a Catarina”, (1962). Foi um dos fundadores do Movimento Armorial, que é uma iniciativa artística cujo objetivo é apresentar a cultura popular do nordeste brasileiro.

O Movimento procura abranger todas as formas de expressões artísticas como música, dança literatura, artes plásticas, teatro, cinema e arquitetura. A palavra “armorial”, como explicou, em palestra, o próprio Ariano, nos remete à palavra “armas”, mas não no sentido bélico do termo. Armas, aqui, compreendidas como brasões, símbolos, elementos representativos de uma determinada cultura, ou seja, como “coleção de brasões, emblemas e bandeiras de um povo,” como, claramente, defendeu sua cultura.

Como o discurso, para a Semiótica, é um dispositivo estruturado e constituído de níveis de profundidade (fundamental, narrativo e discursivo), cada um com uma sintaxe e uma semântica próprias, que compreendem o percurso gerativo de significação, observamos que Ariano faz uso de metáforas que permite identificar através das suas marcas constitutivas, traços que lembram detalhes e importância do sertão nordestino como seu poço de inspiração como também os contrastes: a brevidade da vida a proximidade da morte. Ariano de maneira carinhosa e respeitosa coloca Deus como seu rei, e em um lugar onde se sente acolhido, já que conhece desde que nasceu.

A memória dos personagens, criados por Ariano, aparece nos discursos através do encadeamento de certos elementos que na enunciação expressam as marcas de espaço, tempo e dos sujeitos que se situam na enunciação, ou seja, identificamos facilmente toda a identidade desses personagens.

3. ASPECTOS GERAIS DA OBRA NUMA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA

Todo discurso se relaciona com a sua exterioridade, seu contexto sócio histórico e com um sujeito ideológico, desencadeando efeitos de sentidos. No caso do Auto da Compadecida, trata-se de um drama envolvendo situações cotidianas representando o sertanejo nordestino com elementos da tradição da literatura de cordel do gênero comédia.

São discursos produzidos por meio de mecanismos enunciativos com o intuito de fazer parecer verdadeiro, mediante um contrato entre enunciador e enunciatário.

Seguindo os conceitos da Semiótica Discursiva, é possível examinar as tensões em conflito do processo discursivo que se estabelece nas relações entre os sujeitos da narrativa e valores socioculturais evidenciados no contexto narrativo. De acordo com o percurso gerativo do sentido que torna possível a reconstrução desse processo discursivo, apresenta-se um estudo da construção da subjetividade e afetividade nas relações de linguagem. Possibilita ainda a reconstrução do processo discursivo, pois é possível não só um estudo de sistemas de valores do contexto sociocultural, para um estudo do discurso presente no texto literário, mas também da 'afetividade', enquanto efeito de sentido inscrito e codificado na linguagem que caracteriza esse universo discursivo.

A obra apresenta personagens com fortes características e costumes que não são estranhos para a realidade já que trazem vícios e virtudes praticadas pelas pessoas em sua vida comum. Cada personagem traz uma reflexão a ser feita. Considerando a Semiótica greimasiana, o homem vive em uma comunidade sócio-linguístico-cultural, isto é, está num determinado lugar (seu espaço), num determinado tempo (seu tempo) e sofre as influências de todos os conceitos sociais (morais, religiosos, políticos, ideológicos e éticos) e linguísticos de que faz uso e que, por sua vez, formam sua "visão de mundo".

Na obra em análise existe o casal vítima de traição, padres corruptos, o fruto colhido pela violência sofrida na infância, trabalho árduo sem recompensa digna, miséria, e o antigo costume que os pais tinham de escolher o marido para as filhas. O personagem João Grilo, o

próprio responsável pelo que causa risos no leitor ou espectador que assistiu à peça, causa situações onde os personagens que se julgam inteligentes e poderosos pelos seus lugares na sociedade, são desmascarados. Sendo assim, usa da sua esperteza para colocar todos numa fria e safar ele e seu amigo da maldade das pessoas.

Por um olhar superficial nota-se que o protagonista só existe para que o humor seja realizado, porém a figura dele critica o que a soberba, orgulho e a luxúria são capazes de causar até mesmo no juízo final onde enfim os personagens são julgados por alguém que sabe de todas as verdades mesmo quando tentam jogá-las embaixo do tapete, já que ninguém esconde nada de Deus.

Como o texto na Semiótica é visto como resultado de um fazer persuasivo do sujeito enunciador e de um fazer interpretativo do sujeito enunciatário observamos que a persuasão se dá em todo o contexto discursivo. A cada ‘fazer interpretativo’, há um processo de produção discursiva que se configura num determinado sentido historicamente determinado, como é caso do juízo final, em que Ariano Suassuna apresenta o perdão como condição para a salvação das pessoas. A compadecida, Maria mãe de Deus, é representada como advogada, a que defende as acusações apontadas pelas anotações no caderno do diabo.

4. O PERSONAGEM JOÃO GRILO.

O personagem que é dado como “amarelo safado”, mas que na realidade dos fatos se coloca na condição de escravo por desejo à vida, representando a miséria vivida por muitos sertanejos nordestinos, bem como sua luta pela sobrevivência. A conjunção com o objeto de desejo, a vida, está presente na medida em que se realiza a leitura, a decomposição do percurso elaborado pelo destinador. Compete ao leitor, em seu papel a de sujeito, caminhar pelo percurso do outro, do autor e identificar as narrativas auxiliares trazidas no texto que dão forma as ideias do outro, do destinador.

Ele não põe em cena o camponês, o trabalhador braçal, entendidos enquanto classe social ou força revolucionária, e, sim, especificamente, o “amarelo”, o cangaceiro, o repentista popular, com toda a carga de pitoresco que a região lhes atribui. Suassuna não ignora que a sociedade é injusta e a riqueza, pessimamente dividida. Mas se a burguesia tem o dinheiro, e o imenso poder que ele dá os pobres, em suas peças, são capazes de enfrentá-la e até eventualmente vencê-la, lançando mão da mentira, da astúcia, da presença de espírito, qualidades imaginativas que a própria luta pela sobrevivência, travado dia a dia, hora a hora, se incumbiria de despertar. (DÉCIO DE ALMEIDA PRADO, 1988, 79-80).

Contratados por Eurico, João e Chicó dividem um só salário para que possam sobreviver. Na padaria em determinada cena comem um pedaço de um dos pães da mercearia para “enganar” a fome, e usam da esperteza para driblar o patrão dizendo que foi um rato para que se sanassem da grande e talvez fatal culpa. O protagonista é dado como “safado”, porém, o escritor tem outra intenção com o personagem, não de maneira negativa como anti-herói, contudo um herói picaresco devido a conseguir sobreviver em meio às dificuldades, sendo em ausência de ajuda, com um salário digno, pouca alimentação, e, o que acaba sendo um problema dos nordestinos sertanejos em geral: a seca na região. Na peça, João Grilo, apresenta que na verdade não é só ele que usa da esperteza em prol de interesses próprios, mas o Padre da cidade também quando aceita benzer uma cachorra após saber que é do Major Antônio Moraes. Tal fato se dá pela seguinte cena apresentada:

Padre: É, mas quem vai ficar engraçado sou eu, benzendo o cachorro.
 João Grilo: É, Chicó, o padre tem razão. Quem vai ficar engraçado é ele e uma coisa é benzer motor de Major Antônio Moraes e outra é benzer cachorro de Major Antônio Moraes.
 Padre: Como?
 João Grilo: Eu disse que uma coisa era motor e outra era cachorro de Major Antônio Moraes.
 Padre: E o dono do cachorro é o Major Antônio Moraes?
 João Grilo: É, eu não queria vir, com medo de que o senhor se zangasse, mas o Major é rico e poderoso e eu trabalho na mina dele. Com medo de perder meu emprego, fui forçado a obedecer; mas disse a Chicó: padre vai se zangar.
 Padre: Zangar que nada, João! Quem é um ministro de Deus para ter direito de se zangar? Falei por falar, mas também vocês não tinham dito de quem era o cachorro!
 João Grilo: Quer dizer que benze, não é?
 Padre: E você, o que é que acha?
 Chicó: Eu não acho nada demais!
 Padre: Nem eu, não vejo mal nenhum em se abençoar as criaturinhas de Deus!
 João Grilo: Então fica tudo na paz de Deus, com cachorro benzido e todo mundo satisfeito.
 Padre: Diga ao major que venha. Eu estou esperando! (SUASSUNA p. 33)

É nítido que o interesse do padre na verdade não era benzer o animal por ser uma “criatura de Deus”, mas porque o Major era o dono da cachorra. No entanto, mesmo sendo o homem mais importante da região, Antonio de Moraes também é enganado por João Grilo que faz o mesmo acreditar que seu companheiro Chicó, é um homem rico, advogado, dono de terras, para se casar com a filha do Major, tudo isso porque ele precisava casar sua única filha, Rosinha. O personagem Eurico também é vencido pelas numerosas e bem escolhidas palavras de João Grilo quando estava contratando a dupla de amigos.

Chicó: - Ouvi dizer que o senhor está precisando de ajudante.

Eurico: - Por quê? Vocês querem ajudar, é?

Chicó: - Sim.

Eurico: - Pois pode ajudar. Ajuda e dinheiro são duas coisas que não se 'injeita'.

Chicó: - E quanto o senhor paga?

Eurico: - Eu estou fazendo o favor de deixar você me ajudar. E você quer mais o quê? (...)

João Grilo: - E quanto é o salário?

Dora: - O salário é pouco.

Eurico: - Mas, em compensação, o serviço é muito.

João Grilo: - Serviço muito tem que ter dois 'ajudante'.

Eurico: - Só se for pelo preço de um.

João Grilo: - E quanto é o preço de um? (...)

Eurico: - Cinco tostões. (...)

João Grilo: - Então vamos fazer essas contas. (...). Está arranjado.

Chicó trabalha por dois, ganha o preço de um e dá conta da metade do serviço. Eu trabalho por mais dois, ganho o preço de outro e dou conta da outra metade. (...)

Chicó: - Tu tá doido, é? Agora cada um de nós vai ter que trabalhar por dois.

João Grilo: - Eu esqueci de dizer que um dos meus dois é um 'cabra' preguiçoso danado e só faz dormir o tempo todo.

Chicó: - E o outro?

João Grilo: - Ah, o outro é muito trabalhador, mas não veio hoje.

(ARRAES, 2000, 00:06:05 – 00:07:47).

João por sua vez consegue o trabalho para os dois, de forma que, consegue enganar o padeiro e sua esposa. Os patrões acreditam ter conseguido o dobro de empregados e, além disso: pagando pouco, mas na verdade a contratação se dá a partir de um. Nesse sentido, Chicó questiona o parceiro sobre a situação de trabalhar a mais. Porém, João afirma que uma das personalidades dele é composta por um "cabra preguiçoso" que só faz dormir. Dessa maneira, o modo como é escolhida a fala do personagem induz para que os outros personagens ajam em função dele.

Desse modo, João Grilo se mostra criativo, vivendo situações que o coloca em situações perigosas, mas tudo se torna uma aventura, no entanto.

Chicó: João deixe de ser vingativo que você se desgraça. Qualquer dia você inda se mete numa embrulhada séria.

João Grilo: E o que é que tem isso? Você pensa que eu tenho medo? Só assim é que posso me divertir. Sou louco por uma *embrulhada*. (p.39)

O personagem tem o poder de criar um discurso com duplo sentido e de difícil compreensão para os outros personagens, com isso acaba por divertir o público com adjetivos

que enaltecem suas mentiras. Nesse aspecto, Ariano Suassuna leva o personagem frente à devotada e mãe: a compadecida, enfim. A única figura que o personagem respeita a ponto de dever promessas mesmo sem a conhecer pessoalmente. De maneira geral, todos os personagens são devotos da mãe de Deus, até mesmo o personagem mais destemido: Cangaceiro Severino, que carregava a mesma em um pingente em um cordão no pescoço como uma guia. O líder do bando também foi “tapeado” por João, que usou sua fé no “Padim Ciço” como ponto fraco do cangaceiro, que também era devoto, sendo figura que fora da ficção, por sua influência social como padre, o Padre Cicero foi apelidado de chefe político e coronel, combatendo a espoliação, a vingança e o banditismo bem alimentados e crescidos no meio social do Cariri. Tem-se notícia de que em disputas de coronéis, ele conseguiu evitar o confronto e o derramamento de sangue entre famílias. Severino foi morto pelo seu próprio colega, crente que iria encontrar o Padre Cícero.

Deste modo, Ariano faz uma referência a Virgulino Ferreira da Silva o Lampião, reconhecido pelo nordeste do Brasil, que por sua vez também era devoto de padre Cícero e respeitava as suas crenças e conselhos. A ideia da gaita milagrosa foi a salvação engenhada por João Grilo, porém, isso não salvou o mesmo da morte, e dessa forma, vai parar no juízo final.

Cumpriu sua sentença e encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é marca de nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo morre... (SUASSUNA p. 56)

O autor escreve: “Cumprir sua sentença” fazendo uma crítica de que viver, seja então cumprir uma sentença, pagar uma dívida e que existir é somente um acerto de contas, no caso com o próprio da peça juiz: Deus. Já em “... O único mal irremediável” sabe-se que para morte não há remédio, mas ele trata da morte como um “mal”, o contrário de bem, conclui-se que mesmo com uma trajetória difícil, são tiradas coisas muito boas. O comentário ocorre sobre a morte de forma filosófica. Tudo o que é vivo encontra a morte, porém, como uma questão da qual não se tem certeza, esse é o um dos motivos de muitas dúvidas, mistério e discussão para sociedade.

No entanto, morrer para ciência é a própria interrupção definitiva da vida de um organismo, já para literatura, ela cumpre seu sentido eufemista, sendo a partida, uma despedida, o outro lado da vida, ou, na peça em questão, é o palco do juízo final, no qual Deus

irá julgar suas criações de acordo com suas atitudes, levando em consideração o peso de seus pecados em contraste com as boas ações ao longo da vida, todo sofrimento não é esquecido podendo safar o réu do inferno, assim como as boas ações podem ser a chave para o céu.

JOÃO GRILLO: Então estou garantido. Eu me lembro de que uma vez, quando Padre João estava me ensinando catecismo, leu um pedaço do Evangelho. Lá se dizia que ninguém sabe o dia e a hora em que o dia do Juízo será, nem homem, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho. Somente o Pai é que sabe. Está escrito lá assim mesmo? (SUASSUNA, p.186)

MANUEL: João, isso é um grande mistério. É claro que eu sei, mas ninguém entenderia nada, se eu explicasse. Nem posso explicar nada agora, porque você vai voltar e isso faz parte de minha vida íntima com meu Pai. (SUASSUNA, p. 187)

Seguindo o pensamento estabelecido, a morte que leva a um julgamento que irá finalmente definir a eternidade, pois as ações cometidas ou não equivalem às consequências, e são elas que moldam o destino, que é incerto.

5. RELIGIOSISMO POPULAR.

O autor analisa o padre na peça, sendo sua influência perante a sociedade, de modo expositivo quanto aos interesses dos cardeais no dinheiro. Foi no século IV, quando o imperador Constantino Magno tomou algumas medidas importantes como a liberdade de culto a todas as religiões. A partir desse marco, a Igreja começou seu crescimento perante a sociedade e seu vínculo com o Estado. Para que a Igreja Cristã fosse aceita e aumentasse sua influência, foi preciso que ela se tornasse base ideológica.

A partir do século XI a Igreja não apenas era um núcleo religioso, mas também começou a ditar regras para sociedade a sua volta, fazendo dos seus fiéis escravos de doutrinas e mais tementes às torres altas do que seu próprio Deus. Este costume foi perdendo o ritmo com o passar dos anos. Outras religiões nasceram e a ciência trouxe mais respostas para o mundo, fazendo com que a visão das pessoas se moldasse, dessa forma, as crenças multiplicaram e se tornaram mais independentes de pessoa para pessoa. Mesmo com tantas mudanças permaneceram fiéis devotos aos santos, por exemplo, que permeiam a religião católica. É perceptível em uma das cenas o momento em que João Grilo clama a Nossa Senhora como última alternativa "*daqueles que não têm ninguém por eles*", como a

compadecida de seu povo. É ela quem cuida, conhece as necessidades, dificuldades e protege seus filhos.

Ah isso é comigo.
 Vou fazer um chamado especial, em verso.
 Garanto que ela vem, querem ver? (Recitando).
 Valha-me Nossa Senhora,
 Mãe de Deus de Nazaré!
 A vaca mansa dá leite,
 A braba dá quando quer.
 A mansa dá sossegada,
 A braba levanta o pé.
 Já fui barco, fui navio,
 Mas hoje sou escaler.
 Já fui menino, fui homem,
 Só me falta ser mulher.
 Valha-me Nossa Senhora,
 Mãe de Deus de Nazaré. (SUASSUNA p. 181)

A confiança nos santos existe, pois por saber que um dia foram seres humanos, entendem as angústias e sofrimento das pessoas.

A COMPADECIDA: A carne implica todas essas coisas turvas e mesquinhas. Quase tudo o que eles faziam era por medo. Eu conheço isso, porque convivi com os homens: começam com medo, coitados, e terminam por fazer o que não presta, quase sem querer. É medo. (SUASSUNA p. 174)

[...]

A COMPADECIDA: João foi um pobre como nós, meu filho. Teve de suportar as maiores dificuldades, numa terra seca e pobre como a nossa. Não o condene, deixe João ir para o purgatório. (SUASSUNA p. 183)

No Nordeste, quando os anos ficam escassos de chuva, aumentam as preces e o sertanejo apela a uma força maior, portanto, dirigem sua devoção ao alto, ao céu, a Deus como seu provedor. A água é fonte da vida, é ela que mantém a vida. É ela que alimenta o solo para que haja alimento, para que seu gado como bem precioso não se desidrate e morra como consequência já costumeira da população. A necessidade de água que por regra era para ser sanada pelos órgãos governamentais como um bem básico e público, torna-se desejo e prece ao céu, assim a justiça e misericórdia divina resolva como um verdadeiro milagre.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da paixão pelo conceito “Fé”. Sendo indispensável e especial para uns sertanejos nordestinos que a seu modo vivem envoltos de seca, sertão e fome. Quando por ventura encontram uma pequena brecha para serem felizes, se prendem ao bom humor, enxergam motivos para agradecer em especial à simplicidade da vida. João Grilo apresenta uma maneira de resolver seus conflitos, sendo a capacidade de rir da sua própria miséria e de certa forma tirar vantagens com a sua esperteza. Ariano Suassuna em sua genialidade conseguiu através do “Auto da Compadecida” apresentar de Paraíba, um cidadão de Taperoá, que usou da fé, esperteza e crença na mãe de Deus como meio de sobrevivência. A morte como o único mal irremediável, sendo desconstruída de maneira cômica e ao mesmo tempo respeitosa com a religiosidade. A obra que chegou a ser uma minissérie reproduzida pela Rede Globo diversas vezes, é reconhecida e apreciada por leitores e espectadores desde sua estreia. Tendo em vista a carga cultural nordestina, trouxe para o público a essência dos costumes e bordões populares regionalistas para todo o Brasil. Desta forma, João Grilo é o herói picaresco marcado por apresentar os pecados que por uma interpretação rasa são improváveis, no entanto, são cometidos e escondidos sob a inocência dos outros personagens, sendo que uma das mensagens introduzidas na obra é saber que as atitudes maldosas podem vir de qualquer pessoa, cabe a nós, ter a malícia da protagonista em algumas situações da vida. A obra é um dos motivos para que a literatura brasileira seja tão rica através das mensagens que transmite.

7. REFERÊNCIAS

ARÃES, GUEL Auto da **Compadecida** – Minissérie. Janeiro, 1999.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões: dos estados de coisa aos estados de alma**. São Paulo: Ática, 1993.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PRADO. Décio de Almeida. **O Teatro Brasileiro**. 1988.

RODRIGUES, SOUSA. **Da Cultura Popular À Cultura de Massa**. São Bernardo do Campo, 2003.

<chrome-

extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=http%3A%2F%2Ftede.m
etodista.br%2Fjspui%2Fbitstream%2Ftede%2F813%2F1%2FMaria%2520Isabel%2520Amp
hilo%2520Rodrigues%2520de%2520Souza.pdf&cLen=840615>

SANTAELLA, Lúcia. **A assinatura das coisas: Peirce e a literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. __. **Matrizes da linguagem e pensamento**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SUASSUNA A. **Auto da Compadecida**. 19 ed. Rio de Janeiro, Agir, 1983.

SUASSUNA A. **A arte popular no Brasil**. In: *Revista Brasileira de Cultura* I (2): 37-44. Rio de Janeiro, out/dez/1969. (JL)